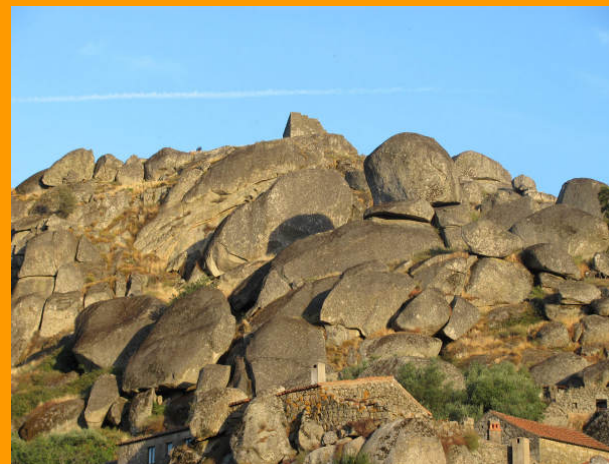




**QUATRO APONTAMENTOS
SOBRE A QUARESMA
EM MONSANTO DA BEIRA**

**Quatre commentaires
sur la Semaine Sainte**

Maria Adelaide Neto Salvado



Vila Velha de Ródão, 2012

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA

Quatre commentaires sur la Semaine Sainte

Maria Adelaide Neto Salvado¹

Palavras-chave: Religiosidade popular; Adoração da Santa Cruz;
Arrependimento de Maria Madalena; Procissão do Enterro do Senhor;
Domingo de Ramos.

Mots-clé: Religiosité populaire; Adoration de la Sainte Croix; Procession
de l'enterrement du Seigneur; Pâques Fleuris.

¹ Geógrafa. Investigadora de Cultura Regional. Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Resumo

A beleza imponente e agreste da paisagem natural de Monsanto da Beira, donde irradia uma sacralidade antiga e forte, serve de cenário a originais vivências quaresmais.

O presente artigo aborda quatro dessas cerimónias que, ano após ano, com um renovado fulgor são expressão e testemunho de uma fé profundamente sentida.

Résumé

La beauté imponent et agreste du paysage original de Monsanto da Beira, d'ou une sacralité ancienne et forte rayonne, sert de décor à des vivantes et singulières expériences existentielles pendant la Carême.

Le texte suivant développe quatre de ces cérémonies qui, chaque année et avec un éclat et le témoignage d'une croyance profondément vécue.

Apresentação

Em Portugal, por uma muito antiga determinação, as cerimónias da Semana Santa ficaram a cargo das misericórdias. Nalgumas das povoações do actual concelho de Idanha-a-Nova, essas cerimónias, como todas as outras do tempo da Quaresma (Benção dos Ramos, Passos da Paixão e Encomendação das almas), mantêm ainda todo o sentimento profundo dos velhos tempos. Assim o quer e sente o povo. É este o caso de Monsanto da Beira.

O rodar do tempo e a amargurada angústia existencial que pesou sobre todo o interior português nos últimos anos do Estado Novo, com a partida dos que seguiram as rotas da emigração tingindo de dolorosa saudade aqueles que ficaram, conduziram ou à perda ou à interrupção destas belas tradições. Mas o povo de Monsanto e o seu pároco Victor Vaz guardavam a sua lembrança entre as memórias de infância. E daí que, quando eleito provedor da Misericórdia, o padre Victor Vaz, com a concordância dos restantes mesários, considerasse que a salvaguarda do património religioso herdado dos antepassados constituía dever sagrado da Misericórdia de Monsanto, como se lê na acta da reunião realizada a 11 de Abril de 1977.

Deste modo, esta Misericórdia tornou-se na mola dinamizadora do renascimento e salvaguarda de uma das mais originais celebrações da Semana Santa que se conservam no interior da Beira: as cerimónias litúrgicas da noite de Sexta-Feira Santa, marcadas por três momentos plenos de significado: *A adoração da Santa Cruz*, *O arrependimento de Maria Madalena* e *A procissão do Enterro do Senhor*.

1. A adoração da Santa Cruz

Tal como acontecia no passado, homens e mulheres das povoações dispersas pelos arredores de Monsanto sobem, pela noite de Sexta-feira Santa, o coleante e íngreme caminho do monte para assistir às celebrações litúrgicas que decorrem na igreja de S. Salvador.

A adoração da Santa Cruz marca o primeiro momento de intenso dramatismo destas celebrações, tornando bem presente o sofrimento da morte de Jesus Cristo.

No altar-mor da Matriz de S. Salvador, é erguida nesse dia, uma alta cruz da qual uma imagem de vulto de Cristo, em tamanho natural, está

suspensa. Quando o pano de cor roxa que a encobre é retirado, a dimensão imensa do Amor de Cristo que o conduziu à morte, torna-se palpável. Creio que é esse sentimento que envolve a multidão que enche o templo. Nesta noite, gente da terra e dos lugares vizinhos participam unidos nesta cerimónia evocativa da dolorosa morte de Cristo e recordam a profundidade do seu Amor.

E quando o pano que encobre a alta Cruz com Cristo crucificado é lentamente retirado pelos irmãos da Misericórdia de cabeças cobertas com os capuzes negros das suas opas, ninguém fica indiferente ao apelo do salmista, apelo repetido três vezes, primeiro, numa voz quase sussurrada depois, num tom cada vez mais elevado transformando-se por último num incisivo brado:

«Eis o madeiro da Cruz!
No qual está suspenso
o Salvador do mundo!»
Vinde, e adoremos!

E a uma só voz responde o povo:

«Vinde, e adoremos!»

Com a Cruz completamente desocultada um cântico, quase lamento, irrompe então. Todos participam neste cântico repassado de nostalgia suavemente envolvente, que recorda a Paixão. E impulsionados pela sua cadência profunda e suave, apenas quebrada pelo arrastar dos passos em direcção à Cruz, todos, velhos e novos, crianças e jovens, numa longa fila, vêm beijar os pés do Senhor crucificado.

É este cântico chamado dos *Impropérios*. Encerra ele censuras suaves, quase lamentos, que Jesus dirige ao povo que o crucificou. Com a sua origem no Oriente, há notícias deste cântico em Jerusalém no século IV, onde era cantado em grego. A Igreja do Ocidente introduziu-o na liturgia oficial de Sexta-Feira Santa cantando-o em latim até ao Concílio Vaticano II.

Iniciado com estas interrogações quase lamento:

«Povo meu, povo meu,
Que te fiz eu?
Que mal te causei?
Em que te contristei?
Povo meu! Povo meu!»

e intercalados com o coro: «Deus Santo, Deus forte, / Deus imortal! / Tende piedade de nós!», uma a uma, desenrolam-se as imaginadas e suaves censuras que Cristo dirigiu ao povo que o crucificou.

Mas as palavras *lamento* e a música dos *Impropérios* que ecoam na igreja de S. Salvador de Monsanto em noite de Sexta-Feira Santa, possuem uma originalidade, sendo diferentes das cantados na liturgia oficial.

Resultaram elas de uma adaptação feita e cantada, por Amélia Fonseca, a partir do poema que Frei Hermano da Câmara escreveu com base nos *Impropérios* cantados na liturgia para a sua peça *O Nazareno*. Há vinte e três anos, Amélia Fonseca, com uma notável sensibilidade, adaptou o poema de frei Hermano à realidade de Monsanto e ensinou-o às suas gentes. As cerimónias da Sexta-Feira em Monsanto da Beira ganharam com esta adaptação uma dimensão profunda e renovada.

Intercalados com o coro: «Deus Santo, Deus forte, / Deus imortal! / Tende piedade de nós!», são as seguintes as palavras *lamento* que ecoam actualmente na igreja de S. Salvador de Monsanto em noite de Sexta-Feira Santa:

«Povo meu, povo meu,
Que mal te fiz eu?
Que mal te causei?
Em que te contristei?
Ah povo meu! Povo meu!
Não me dirás?

Ó minha vinha escolhida,
que eu próprio plantei
como a mais bela das vinhas!
Como te tornaste amarga...
Crucificas-me
E libertas Barrabás!
Deus Santo, Deus forte,
Deus imortal!
Tende piedade de nós!

Dei-te a beber a água nascida do rochedo
A água salvadora,
e tu deste-me fel e vinagre.
Dei-te o ceptro real
E tu coroaste-me de espinhos!
Abri o mar diante de ti,
E tu abriste-me o peito com a lança!
Elevei-te acima dos povos
E tu suspendes-me
No patíbulo da Cruz!»²

Segue-se, depois o tradicional e dolente cântico da *Paixão*, intitulado *Bendita e Louvada*, de louvor à Cruz, cantado pelo povo, em versões diferentes nas povoações da Beira. Em Monsanto, dezasseis quadras (intercaladas por uma outra quadra, que serve de coro) exprimem, um a um, os tormentos infligidos a Cristo no Seu caminho para o Calvário e de todos os que sofreu na Cruz. Diz a quadra do coro:

Bendita e louvada seja
A Paixão do Ridentori
Para nos livrar das culpas,
Morreu por nosso amor.

E os tormentos sofridos na cruz são, deste modo, recordados, na versão de Monsanto:

1

Suportou grandes tormentos,
Duros martírios na cruz
Morreu para nos *salvari*
Bendito seja Jesus.
(...)

10

Vossas santíssimas costas
Pesada cruz conduziram;
Entre agudíssimas *doris*,
Mais e mais chagas abriram.

² Informação prestada por D. Amélia Fonseca.

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA

Maria Adelaide Neto Salvado

12

Vossas mãos, puras, divinas,
Pregaram nesse madeiro;
D'ele *pendenti ficasti*,
Bom Jesus, Deus verdadeiro.

13

Os Vossos Pés sacrossantos
Foram com ferros fendidos,
Mas foi rasgada a sentença
Contra milhões de perdidos.

14

O Vosso Corpo divino,
Ferido e todo chagado,
Todo nos diz quão horrendo,
Quanto é medonho o pecado.

15

Vosso amável Coração,
Pois que o abriu dura lança,
Convida a que nele entremos,
Cheios da maior confiança.

16

Pelo valor infinito
De tão amarga paixão,
Terno Jesus, concedei-nos,
De nossos crimes, perdão.

É assim, a *adoração da Santa Cruz*, da Cruz redentora ...

2. O arrependimento de Maria Madalena

Um outro momento alto dessas cerimónias, sempre esperado por todo o povo é o da representação cénica do arrependimento de Maria Madalena. Numa original recriação o arrependimento da pecadora

relatado no Evangelho de Lucas (7, 37-50), e que a Igreja do Ocidente identificou com Maria Madalena ocorreu perante a visão dolorosa do sofrimento de Cristo preso à cruz.

Deste modo, num determinado ponto do sermão da Paixão de Cristo, previamente combinado com o pregador, entra na igreja uma jovem mulher. Vestida de preto, com um xaile vermelho sobre os ombros, de cabelos soltos, enfeitados com uma camélia vermelha, com um ramo de rosas vermelhas na mão, a jovem passeia-se, em jeito de sedução, durante uns momentos pela nave. Quando os seus olhos caem em Cristo crucificado, deita o xaile para o chão, arranca a sedutora flor dos cabelos e corre para a cruz abraçando e beijando os pés de Cristo e envolvendo-os com os seus cabelos.

A humildade de Maria Madalena no público reconhecimento de todos os seus pecados, a manifestação do despertar de um entranhado Amor que, ultrapassando os mesquinhos e efémeros amores humanos que até então vivera, deu à vida de Madalena uma nova luz e um sentido novo, ganham vida nesta noite de Sexta-Feira Santa em Monsanto da Beira.

Esta recriação produz forte eco na alma do povo. Deve-se a Maria Rosete Felino o registo do seguinte depoimento de uma monsanquina:

«Ai, os homens no cor, inté s'impinavam pr'a la verem e ela sempre numa fona, dum lado pr'o lado pr'o outro – e assim c'om aqueles tregêtos – c'mo uma mulher da vida (...)

Vai daí – quando ela vê nosso Senhor na cruz – coitadinha – bota o xaile pró **xão - avanta** a flor do cabelo e bota-se de joelhos òs pés da cruz e c'aqueles cabelos pretos a varrerem-le o xão.

Ai que parte mai bem fêta, inté o povo xorou.

É a coisa mai linda da Sumana Santa. O nosso Padre lá assentado - naquela piltrona qui l'arranjaram - mas nem os olhos alevantava do xão.- cá p'ra mim, ele nem gosta muito destas partes - mas se calha um dia tirar a Madalena arrependida das cerimónias da Páscoa, o povo dá cabo dele!!!»³

Outrora, em tempo de Quaresma, o arrependimento de Maria Madalena constituía tema fundamental de reflexão escolhido pelos pregadores

³ Maria Rosete Felino de Almeida, *Monsanto, A memória da Pedra*, 1992, pp. 102-103.

num convite e incitamento ao arrependimento. Sirva de exemplo o sermão pregado na Igreja de S. Nicolau em Lisboa, por frei António Cabral, na segunda-feira da Semana Santa de 1672.

Partindo do relato de S. Lucas, frei António Cabral desenvolve uma longa reflexão acerca do papel das lágrimas, expressão sincera do reconhecimento das culpas, no perdão de Cristo à mulher pecadora, e no final apela ao arrependimento nestes termos:

«As lágrimas de Magdalena para lavar suas culpas foram dilúvios, para satisfazerem sua pena forão mares, para adquirirem a graça foram rios (...). Já que imitastes Magdalena nas culpas, imitay também a Magdalena em as lágrimas; E se nam puderem vossas lágrimas ser dilúvios, se nam puderem ser mares, ao menos sejam fontes que, que inda assim parecerão bem aos olhos divinos vossos olhos, pois há fontes que choram lágrimas»⁴

Hoje como ontem, um significativo valor *pedagógico* possui a representação vivenciada em Monsanto. No passado e perante uma

⁴ Frei Antonio Cabral, «Sermão XII «A Inundação», in *Pancarpia ou Capella Florida, Matizada, & Odorifera dedicada ao taumaturgo Lusitano Santo Antonio*, Lisboa, Officina de Miguel Deslandes, 1690.

população maioritariamente analfabeta, nestas terras de cristãos novos e de coutos de homiziados (assim se chamavam às povoações, onde cumpriam pena de degredo os condenados por crimes variados), a carga emocional que se desprendia destas representações da Semana Santa, recreando a Paixão e a Morte de Cristo, eram meio facilmente apreensível da grandeza da mensagem cristã: caminho fácil para o arrependimento e para a conversão.

Actualmente, num mundo talhado em egoísmo, onde os valores da Fraternidade e do Amor são letra morta, o lento desprendimento da cruz da imagem de Cristo em tamanho natural, acompanhada da leitura do relato da Sua Paixão e Morte, torna próxima toda a realidade pungente dos acontecimentos de há mais de dois mil anos, e bem clara a imensa grandeza do sacrifício divino.

Que maior prova de Amor do que o dar a vida por aqueles que se amam?

Terminado o sermão e a adoração, depois dos irmãos da Misericórdia desprenderem o Senhor e O deporem no esquife que O conduzirá até à Igreja da Misericórdia, a alta Cruz recorta-se no dourado do altar com

uma lúgubre imponência. É junto a ela que a Verónica inicia o seu primeiro canto, dando-se início à procissão do Enterro do Senhor.

O ritmo lento e arrastado dos passos, o cântico da Verónica, cantado em gregoriano, o som profundo e cavo das matracas acompanhando o canto das três Marias que seguem atrás do esquife com o Senhor morto, tudo ecoando pelos barrocais, dão a esta procissão do Enterro do Senhor, em noite de Sexta-feira Santa, uma dimensão de tristeza dolorosa e pungente que toca profundamente a alma.

Em Monsanto, como dizia Fernando Namora, todas as coisas adquirem uma dimensão grandiosa.

3. O cântico das três Marias na Procissão do Enterro do Senhor - as longínquas raízes

Durante a procissão do Enterro sobressai um cântico do qual se desprende uma subtil tristeza. Irrompe na noite como um lamento sentido e profundo arrancado do fundo da alma, respondendo ao lúgubre som das matracas e ao canto entristecido da Verónica. Entoam-

no três mulheres vestidas de negro, de cabeças cobertas por lenços e xailes negros, em sinal de luto. Seguem atrás do esquife que conduz a imagem do Senhor morto, dando vida à memória do que teria sido o angustiado sentimento das *três Marias*, as três mulheres que acompanharam Cristo no doloroso momento da Sua morte: Maria, sua Mãe, Maria, mãe de Cléofaz e Maria Madalena.

É o cântico dos *ÉUS*, como lhe chamam em Monsanto: *Éus, É-é -é- éus, É-é -é- éus, Mi Dominé, Éus, É -é- éus, Éus -éus; Éus, é -é- éus, Éus -éus- éus, Salvatore nostri!*» .

No fluir do tempo muitas têm sido as Monsantoínas que emprestaram a sua voz a este cântico, quase lamento, triste e angustiado. Outrora cantavam-no três irmãos do *Lugar de Maria Martins*: D. Maria Rodrigues Azinheira, D. Ana Azinheira e D. Hermínia Azinheira, e, em certos anos a uma delas juntavam-se duas vizinhas: Ti Matilde (do Zé Costa) e Ti Maria de Jesus (do António Costa) depois, foi a vez da gente da Vila: D. Adriana Azinheira, D. Maria da Luz Azinheira e D. Irene Gregório.

Há já alguns anos, que três das *Adufeiras de Monsanto* (D. Amélia Fonseca, D. Celeste Rechenha e D. Lídia Amaral) dão expressão à força dramática deste belo cântico. Ele constitui a par da descida e da

adoração do Senhor na cruz, do canto da Verónica e do arrependimento de Maria Madalena, um momento pleno de significado nas vivências quaresmais em Monsanto da Beira.

A que época remontarão estas cerimónias, de características únicas no contexto diverso das festividades pascais das terras das Idanhas?

Num estudo intitulado «O teatro litúrgico na Idade Média Peninsular» o padre jesuíta Mário Martins refere-se às cerimónias da *deposition Christi* (deposição de Cristo) descritas no *Missal Bracarense* de 1558 que, apesar de variantes impostas pelo passar dos séculos, apresentam do meu ponto de vista analogias com alguns dos momentos das cerimónias de Monsanto e concretamente com o cântico das três Marias. Refere o *Missal Bracarense* que, no século XVI, na procissão do «Enterro do Senhor», os clérigos com as cabeças cobertas com as sobrepelizes, em sinal de luto, e dois meninos de coro, também com as cabeças cobertas, seguiam atrás do esquife, soltando lamentações em latim, chorando a morte de Cristo. Os lamentos dos meninos alternavam com o coro dos clérigos: «*Heu! Heu! Domine! Heu! Heu! Salvatore noster!*» - «*Ai! Ai! Senhor! Ai! Ai! Salvador nosso!*». Cantavam as crianças. Dizia o Coro: «*Pupilli facti sumus absque patre, mater nostra vidua*»; cantavam as

crianças: «*Heu! Heu! ...*»; Coro: «*Cecidit corona capitis nostri, vae nobis quia pecavimus*»; *Heu! Heu! (...)*; Coro: «*Spiritus cordis nostri, Christus Dominus, morte turpissima condemnatus*»; *Heu! Heu! (...)*», diziam os meninos...

Parece-me, pois, que em Monsanto uma curiosa adaptação foi feita a esta recriação dramatizada do «Enterro do Senhor». Forte semelhança possui o cântico das três Marias de Monsanto com o lamento dos meninos de coro descritos no *Missal Bracarense* de meados do séc. XVI. Ora, considera o padre Mário Martins que os textos e as cerimónias descritos neste *Missal Bracarense* seiscentista são fragmentos de peças de teatro litúrgico medieval que sobreviveram ao tempo. Provenientes de textos possivelmente muito mais longos, seriam eles a prova de que em Portugal teria existido uma atmosfera propícia a manifestações teatrais litúrgicas, raras na Península Ibérica. Segundo os estudiosos, a raridade do teatro litúrgico peninsular deve-se ao facto de se ter seguido em Portugal e em Espanha, até ao século XI, o rito litúrgico moçárabe, praticado pelos cristãos que viviam na Península sob o domínio muçulmano. Sendo este rito pouco propício a manifestações teatrais, foi somente a partir de 1080 (data em que pelo concílio de Burgos foi abolido este rito e substituído pelo rito franco-romano) que se passou a

introduzir nas cerimónias litúrgicas mais importantes textos dramatizados como forma de uma mais fácil catequização.

Serão as cerimónias da Semana Santa de Monsanto pequenos fragmentos de textos de teatro litúrgico medieval do séc. XII ou XIII, que nesta povoação raiana resistiram à passagem do tempo e às proibições das *Constituições Sinodais*?

Não será de excluir esta hipótese, pois a especificidade com que a Natureza dotou Monsanto (altitude, e pendor íngreme das encostas do belo monte onde a vila se implantou) conferiu a esta antiquíssima povoação um isolamento propício à conservação, nos ritmos dos quotidianos e das festividades das suas gentes, de tradições e de costumes que remontam muito longe no tempo.

4. A originalidade da Encomendação das almas em Monsanto da Beira

«Em Monsanto todas as coisas adquirem
uma dimensão grandiosa».
Fernando Namora

A afirmação de Fernando Namora materializa-se de forma evidente numa outra tradição das vivências quaresmais da Beira: a Encomendação das almas. Pela noite de todas as quintas feiras do tempo da Quaresma, um grupo de homens e mulheres, algumas vestidas de negro, com os lenços quase lhe encobrindo o rosto, reúne-se à porta da Igreja de S. Salvador e no meio do maior silêncio percorrem a povoação recordando aqueles que a morte arrebatou. A paragem realiza-se em pontos-chave, de modo a que o apelo encerrado nos cânticos possa ser escutados nas aldeias em redor. Em Monsanto são três os locais de paragem: 1º *Barreira*, virado a nascente; 2º Torre de Lucano (ao soarem as badaladas da meia-noite, no relógio da torre, a ocidente); 3º cimo do penedo da *Moreira*, para o lado dos *Penedos Juntos*, a norte.

Destes três locais, em dias de Verão, abarca-se até à linha do horizonte uma paisagem de uma beleza dourada agreste e estonteante. Mas

pelas noites do tempo da Quaresma, por vezes ventosas e frias, quando uma névoa baixa envolve num manto de sonho e de mistério as aldeias do sopé, os cânticos arrastados e tristes recordando aqueles que a morte arrebatou, intercalados com o som lúgubre das matracas e a reza de um Pai-Nosso, tornam palpável toda a efemeridade da vida.

Ouve-se ecoar pelos barrocais:

Acordai irmãos meus
Desse sono tão profundo
Rizemos um padre nosso
Às almas do outro mundo.

Acordai irmãos meus
Desse sono *alcotório*
Rizemos um padre nosso
Às almas do purgatório.

Bendita e louvada seja,
A paixão do *Ridentori*,
Para nos livrar das culpas
Morreu por nosso *Amori*.

Lá em cima ò calvário
Está um craveiro à *cruzi*.
A água com que se rega
É o *sangui* de *Jasusi*.

No calvário *si* dão gritos,
Madalena *qui* *saria*?
S'tão a cruxificar *Jasusi*,
Filho da Virgem Maria.

A recordação daqueles que a morte arrebatou, entrelaça-se neste cântico monsanino, com a recordação do sofrimento da Paixão e morte de Cristo.

Em tempos passados, vivendo intensamente o tempo da Quaresma, o povo de Monsanto encontrou na Paixão de Cristo tema de reflexão e inspiração poética:

Oh meu Deus, oh meu Senhor,
Que será de mim sem vós?
Antes morrer que ofender-vos.
Tende compaixão de nós.

Oh meu Deus, quem fora o homem
Que andasse pelos caminhos,
Que subisse ao calvário
Tirar-vos a coroa de espinhos.

Lá em cima ao calvário
Está cama e travesseiro,
Aonde a Virgem vai chorar
Lágrimas pelo seu Cordeiro.⁵

Pela sacralidade antiga e forte, que irradia da beleza simultaneamente agreste e majestosa da paisagem Monsanto, sentimentos e crenças adquirem uma única e grandiosa dimensão.

⁵ Ouvida em Monsanto a D. Maria da Luz Régio, que morreu com 100 anos.

5. A procissão do Domingo de Ramos em Monsanto

A tristeza que se evolva das vivências quaresmais em Monsanto da Beira é, no entanto, quebrada nas cerimónias do Domingo de Ramos que evocam a entrada de Jesus em Jerusalém no primeiro dia que antecedeu a semana da sua Paixão.

Acontecimento celebrado em todo o mundo cristão, os ramos de palmeira que acompanharam a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém são, no entanto, substituídos por ramagens de outras árvores consoante a região geográfica onde as cerimónias decorram.

Em Salamanca, por exemplo, são ramos de uma variedade de loureiro, o loureiro «rosa», que nesse dia embalsamam com o seu suave perfume o interior dos templos onde as cerimónias se realizam.

Na maioria as povoações da Beira raiana, são pequenos ramos de plantas variadas (alecrim, rosmaninho, oliveira e loureiro) que nesse dia todos os fiéis levam à Igreja para serem abençoados. Mas, em Monsanto da Beira, não são pequenos ramos que o povo leva em procissão até à Igreja de S. Salvador, mas sim grandes ramagens ou de giestas floridas, se for o tempo da sua floração, ou altos ramos de

oliveira enfeitados ou de coloridas flores silvestres que nascem espontaneamente nos campos, ou de flores que o povo cultivava nas molduras que bordejam os canteiros das hortas, naquele sábio entrelaçar harmonioso entre o cultivo de alimentos para o corpo e “alimentos” que com a sua beleza saciam a fome da alma.

Numa crença antiga que enraíza profundamente no tempo, acredita o povo que os ramos abençoados em Domingo de Ramos possuem poderes mágicos, funcionando como uma espécie de escudo protector contra os raios e as tempestades. Deste modo, quando uma trovoadas ameaça abater-se sobre as povoações, o povo queima uma porção destes ramos abençoados acreditando que por esse simples acto alcançará uma protecção eficaz contra os mortíferos perigos dos raios.

Em Monsanto, as cerimónias de Domingo de Ramos iniciam-se na Igreja da Misericórdia. Aí se reúne o povo com os seus ramos e aí são abençoados pelo pároco. Depois, em procissão, dirigem-se até à igreja de S. Salvador onde se celebra a Eucaristia.

Recortando-se no cinzento granito das paredes do templo, os altos ramos floridos são uma explosão luminosa de cor e alegria, que quebra

a tristeza do tempo quaresmal, num prenúncio antecipado da alegria da Páscoa.

Os ramos guardam-se em casa com aquele temeroso respeito que o povo de Monsanto devota aos objectos abençoados, aguardando que nalgum dia do ano o poder desses ramos seja protecção segura contra os, por vezes, mortíferos e assustadores efeitos das trovoadas.

As imagens que se seguem dão-nos a dimensão da colorida e envolvente beleza das cerimónias de Domingo de Ramos em Monsanto da Beira.

Nota: Com algumas alterações os conteúdos dos três primeiros apontamentos foram já abordados nos seguintes títulos: «Arrependimento de Maria Madalena» e «Encomendação das Almas», in Maria Adelaide Neto Salvado, *Elementos para a História da Misericórdia de Monsanto*, Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, 2001; «O cântico das três Marias na Procissão do Enterro do Senhor - as longínquas raízes», in *Raiano*, 2002.

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA
Maria Adelaide Neto Salvado



Fotografia 1. Interior da Matriz de S. Salvador em noite de Sexta-Feira Santa.



Fotografia 2. Adoração da Santa Cruz.

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA
Maria Adelaide Neto Salvado



Fotografia 3. Outra vista da adoração da Santa Cruz.



Fotografia 4. Outra vista da adoração da Santa Cruz.

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA
Maria Adelaide Neto Salvado



Fotografia 5. Arrependimento de Santa Maria Madalena.



Fotografia 6. Outro momento do Arrependimento de Santa Maria Madalena.

QUATRO APONTAMENTOS SOBRE A QUARESMA EM MONSANTO DA BEIRA
Maria Adelaide Neto Salvado



Fotografia 7. Esperando a bênção e Procissão dos Ramos.



Fotografia 8. Esperando a bênção e Procissão dos Ramos.